

### 3 RELAÇÃO PEDAGÓGICA: espaços/tempos/movimentos de aprendizagens, construções e afetos

*Diva Spezia Ranghetti*<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo intenciona desencadear algumas reflexões sobre o sentido e o significado da relação pedagógica no processo da educação formal. Tem como objetivo apresentar a afetividade como princípio desencadeador da relação pedagógica favorável à aprendizagem, bem como alguns pressupostos para que a aprendizagem apresente-se como possibilidade a todos os sujeitos inseridos no processo educativo. As reflexões são oriundas da vivência da autora, já registradas em suas pesquisas de mestrado e doutorado, realizadas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, cujas temáticas investigadas foram a afetividade na educação e um *design* interdisciplinar de formação, ambas tendo como alicerce a teoria da Interdisciplinaridade e a Fenomenologia. As pesquisas evidenciaram que a atitude do professor afeta a construção de tempos e espaços na relação que se constrói ao longo do processo educativo e que para que a relação pedagógica seja favorável à aprendizagem a sala de aula deve constituir-se como espaço de encontro entre os sujeitos e o conhecimento. Um espaço em que professores e alunos, sujeitos do processo, desvelam, revelam, criam, recriam, aprendem, ensinam, afetam e são afetados, encontrando-se consigo mesmos e com o conhecimento para constituírem-se. Um espaço em que a interdisciplinaridade habita. Nesse sentido, alguns pressupostos fazem-se necessários na ação do professor, tais que: conhecimento de si mesmo, abertura, humildade, consideração, espera, parceria.

**Palavras-chave:** Relação pedagógica. Afetividade. Aprendizagem. Atitude.

**Abstract:** This article intends to trigger some reflections on the meaning and significance of the pedagogical relationship in the process of formal education. It aims to show affection as the principle triggering the pedagogical relationship favorable to learning, as well as some assumptions that learning introduce itself as a possibility for all subjects included in the educational process. The reflections are from the author's experience, as recorded in their masters and doctorate researches, held at the Pontifícia Universidade Católica of São Paulo, whose

---

<sup>1</sup>Diva Spezia Ranghetti: Doutora em Educação: Currículo – pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professora do componente curricular Projetos Comunitários e Coordenadora de Extensão Comunitária do Centro Universitário Católica de Santa Catarina em Jaraguá do Sul (SC). Integrante do GEPI. E-mail: [diva.ranghetti@uol.com.br](mailto:diva.ranghetti@uol.com.br); [divar@catolicasc.org.br](mailto:divar@catolicasc.org.br)

investigated themes were the affectivity in education and an interdisciplinary design of the formation, both having as a foundation the Interdisciplinarity theory and Phenomenology. The research showed that the attitude of the teacher affects the construction of time and space in the relationship that is built along the educational process and for the pedagogical relationship being favorable to learning the classroom should be constituted as a meeting place between subjects and knowledge. A space where teachers and students, subjects of the process, unveil, reveal, create, recreate, learn, teach, affect and are affected, meet with themselves and with the knowledge to constitute themselves. A space where interdisciplinarity lives. Thus, some assumptions are made necessary in the teacher's action, such that: self-knowledge, openness, humility, consideration, waiting, partnership.

**Keywords:** Pedagogical relationship. Affectivity. Learning. Attitude.

## INTRODUÇÃO

Falar em relação pedagógica nos remete à compreensão do significado e do sentido que a relação reveste. Relação, palavra de origem latina *relatione* com significado de “vinculação, ligação, referência” (FERREIRA, 1999, p.1735), portanto uma ação que pressupõe a presença de mais de um elemento que, em comum, têm alguma especificidade, um ponto em torno do qual os sujeitos sentem-se atraídos, para juntos encontrar uma nova possibilidade de ser. O ponto de atração (referência) que une professor e alunos é o conhecimento. A palavra pedagógica é de origem grega *paidagogikós*, adjetivo que diz respeito à pedagogia, ou seja, [...] teoria da ciência, da educação e do ensino; “[...] profissão ou prática de ensinar”. (FERREIRA, 1999, p.1523).

Nesse sentido, relação pedagógica é toda relação que tem como intencionalidade a ação de ensinar e de aprender, num movimento contínuo dos sujeitos que têm em comum a aprendizagem. No espaço pedagógico, professor e alunos se encontram com o conhecimento para pesquisar, desvelar, duvidar, compreender, conhecer, objetivando o renascimento do conhecimento, tanto aos sujeitos quanto ao próprio conhecimento.

Por sua vez, o verbo aprender deriva de *prehensio-onis*, do latim *prehensio-onis*, que designa o ato de segurar, agarrar e apanhar, prender, fazer entrar, apossar-se de. Assim, podemos conceituar aprendizagem como sendo a ação de apropriar-se de conhecimentos ainda não habitados por nós, ou seja, que se faz necessário “agarrar” para que se tenha domínio do mesmo. (CHERVEL, 1990).

Postic (1990, p.12) define a relação pedagógica como sendo “o conjunto de relações sociais que se estabelecem entre o educador e aqueles que educa para atingir objetivos educativos [...], relações essas que possuem

características cognitivas e afetivas identificáveis, que têm um desenvolvimento e vivem uma história”.

Na ação educativa devem-se construir relações que se consolidam por meio de um movimento em que se interroga o conhecimento aparente e o oculto, para aproximar-se da sua totalidade. Para tanto, os espaços de aprendizagem, assim como o que é ofertado para ser aprendido, necessitam aguçar a curiosidade natural do ser humano e estimulá-lo a trabalhar sobre o conhecimento para conhecê-lo mais e melhor. Conforme Tiba (1998, p.36), “a apresentação da matéria deve ser convidativa como o *trailer* de um filme, que atrai as plateias ao cinema”. Nesse contexto, é o professor que deve auxiliar o aluno a transgredir o campo de significação do que já contempla, para que possa desenvolver-se e apropriar-se das coisas que o mundo apresenta, (re)significando-as, renascendo *junto-com*. “Construir conhecimento significa construir-se com ele. [...] Deixar de lado os pré-conceitos e fazer emergir conceitos, rumos, processos, vida... renascimento!...” (ROJAS, 1998, p.76).

As reflexões sobre a relação pedagógica que discuto neste texto são fruto da minha vivência como aluna da professora doutora **Ivani Fazenda** do curso de Mestrado e Doutorado em Educação: Currículo, na PUC/SP, no núcleo de Formação de Professores, na linha de pesquisa Interdisciplinaridade.<sup>2</sup> As reflexões que seguem não têm a intenção de dar conta da complexidade do processo relacional na ação de ensinar e aprender, mas sinalizar a relevância da **afetividade** na ação de educar.

## O PAPEL DA RELAÇÃO PEDAGÓGICA

A relação norteia o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, na medida em que as relações interpessoais inscrevem, contornam, delineiam os sujeitos, como também abrem perspectivas, dependendo da qualidade e da intencionalidade presente na relação. Postic (1996, p.92) vem confirmar esse entendimento, dizendo que: “[...] **é nas relações sociais, introduzidas pelo ato educativo, que o indivíduo – criança – adolescente ou adulto – se descobre, evolui e se estrutura**”. Assim, cabe ao professor propiciar uma relação que compreende a descoberta e a evolução do aluno. Uma relação construída com respeito mútuo, cumplicidade, reciprocidade e liberdade para expressar conhecimentos e sentimentos.

Nessa perspectiva, o professor necessita atentar para os interesses que cada aluno traz consigo: sua cultura, seus conhecimentos, os valores que cultiva, e utilizar-se desses como ponto de apoio para fornecer as cores e os “pincéis” necessários à composição do quadro pessoal de desenvolvimento. Dessa maneira, **a relação pedagógica possibilita a compreensão do aprendido, a apropriação do conhecimento através de aprendizagens significativas,**

---

<sup>2</sup> Este texto foi construído a partir dos textos da dissertação e da tese defendidas em 1999 e 2005, respectivamente. As referências constam no fim do texto.

**temperadas e iluminadas por uma energia vital que sustenta a ação e o envolvimento pelo conhecer.** Não é a afetividade o ponto de luz que permeia as relações?

Direcionando o olhar para **práticas educativas interdisciplinares**, percebemos que nessa prática pedagógica a relação é regida pela **parceria**. Esta possibilita aos sujeitos o domínio da própria composição do ser como fazedor de história que é cuidada e iluminada por alguém que acredita nas potencialidades individuais e que está implicado e comprometido com o desenvolvimento do aluno em sua completude. A parceria guarda em seu interior as manifestações afetivas do ser.

Fazenda (1995, p.38) busca o fundamento para a relação professor-aluno na antiga Grécia, na Paideia e, com ela, a situação de preceptor e discípulo.

O preceptor é aquele que ajuda o discípulo a fazer uma leitura das coisas próprias do conhecimento em geral. O discípulo é aquele que gradativamente é indicado a ampliar essa leitura. Preceptor e discípulo trazem consigo conhecimentos próprios de um e de outro, que ampliados sintetizam uma proposta eterna e primeira da educação: Paidéia é forma de parceria em que alguém não alfabetizado para as coisas do mundo amplia ou tem a possibilidade de ampliar seu universo próprio de leitura com alguém que viveu mais, que pôde ler mais e que se dispõe com o discípulo a inaugurar também para si o exercício da troca. Em troca, em parceria, ambos evoluem – preceptor e discípulo e com essa evolução a possibilidade de construção/produção de novos conhecimentos.

Na relação que o professor e o aluno estabelecem, a parceria possibilita a compreensão do conhecimento através da **partilha** de responsabilidades diante das atividades a serem desenvolvidas. Só é possível a parceria quando se dispõe a partilhar sem esconder-se por trás de um “véu”, no qual se filtra a subjetividade do professor, seus sonhos, angústias, faltas, desejos. Nessa relação é necessário estarem inteiros, tanto professor quanto alunos. Entretanto, a parceria requer **humildade**. Humildade em colocar-se inteiro diante dos alunos – parceiros – na caminhada da construção de conhecimento; humildade em saber participar e ver, no grupo de alunos, a possibilidade de trocar experiências e aprender com elas, extraindo aspectos muitas vezes insignificantes e utilizando-se destes para ilustrar e complementar o que se propõe a conhecer. Humildade na utilização das palavras, nos gestos, nos símbolos que manifestam o não e o sim. Humildade em dividir para ampliar o grau de significação dos achados. Humildade para aceitar as diferenças e nelas encontrar subsídios para redimir a distância que os tornam diferentes (em conhecimento). Humildade para aceitar, como professor, seus erros e, nestes, perceber, sentir e intuir os caminhos para acertar. Humildade para aceitar que a vida só tem sentido se conseguir *estar-sendo-com-os-outros* e não se isolar no mundo colocando-se num pedestal para que ninguém possa aproximar-se, nem mesmo o olhar do aluno (RANGHETTI, 1999).

Viver uma relação pedagógica em que você não é apenas uma peça de ornamentação do ambiente de aprendizagem, mas protagonista, possibilita-lhe conhecer-se como pessoa e, nesse conhecer, encontrar-se com seus limites e possibilidades, sentindo-se responsável pelo próprio modo de ser. Você torna-se autor e ator de sua história que, conjugada com outras histórias, constitui uma história de um tempo, de um determinado pensar e de um modo de existir humano. A parceria na relação possibilita essa reflexão, esse apropriar-se do próprio processo de desenvolvimento.

Segundo Warschauer (1993, p.299),

Ser parceiro não significa anular a própria individualidade. Pelo contrário, no dinamismo de alteridade, a individualidade caminha para se diferenciar plenamente. E é através dessa diferenciação que o indivíduo torna-se capaz de considerar a posição do outro, a ponto de poder se relacionar com ele dentro da parceria.

A relação pedagógica que tem como cenário o quadro interdisciplinar e, neste, a parceria, requer que se viva plenamente, estabelecendo o entrelaçamento do afetivo com o cognitivo, do real com o imaginário, do pensamento com o sentimento, a sensação e a intuição. É comunicar, dialogar, crescer, renascer a cada momento, estabelecendo o **encontro** consigo mesmo e com o outro, através da troca, da parceria, visto que, “[...] **o aluno aprende realmente bem o que o cativa, numa atmosfera de aula que lhe parecerá segura, com um professor que sabe criar afinidades**” (SNYDERS *apud* PAIVA, 1996, p.92).

Uma relação pedagógica com esses atributos possibilita o domínio da própria composição do ser como fazedor de história que é cuidada e iluminada por alguém que acredita nas potencialidades individuais e que está implicado e comprometido com o desenvolvimento do aluno como um todo. E com esses atributos, professor e alunos, na relação que estabelecem com o conhecimento, “[...] **cumprem um processo interativo no qual a afetividade é o componente básico de mobilização, direcionamento e intensidade das ações**” (PAIVA, 1996, p.92). Destarte, a aprendizagem só acontece quando há o encontro produzido pelo movimento que o envolvimento e a receptividade dos dois sujeitos, em parceria, estabelecem. Por isso, o ato educativo, apesar de sua diretividade, suscita nos alunos autonomia e entusiasmo para que possam “[...] alcançar o domínio de seu próprio desenvolvimento” (POSTIC, 1990, p.11).

Marcel Postic (1990), no livro “A relação pedagógica”, faz uma crítica aos teorizadores da aprendizagem que se veem preocupados em orientar o estudo do ato de ensinar pelo viés da concepção e utilização de máquinas de ensinar desprezando as relações interpessoais que têm forte influência na situação pedagógica, pois ensinar e aprender devem ser concebidos como partes integrantes do processo educativo. O que une esses dois atos num movimento articulado, segundo o autor, é a socialização do indivíduo (1990, p. 9). Assim, não cabe ao professor apenas manipular estímulos e esforços e ao aluno ser mero dependente destes. É necessário atentar para atos, atitudes e

comportamentos que estão afetando a aprendizagem dos alunos, bem como a daqueles com quem estabelecem a comunicação (professor e alunos).

Nessa perspectiva, o professor precisa conhecer o aluno, respeitar as diferenças individuais, acreditar na capacidade de cada um e propiciar um ambiente estimulador para o desenvolvimento da totalidade dos mesmos, conhecer com profundidade o objeto (conteúdo) com o qual irá trabalhar e conhecer-se como pessoa (totalidade). Conhecer o aluno e acreditar em suas capacidades, possibilitar o seu desenvolvimento em seus aspectos afetivo, cognitivo, social, intelectual, hoje, ao meu ver, é essencial para que se estabeleça uma relação pedagógica que possibilite a aprendizagem. Quando a realidade do aluno<sup>3</sup> é o ponto de partida para propiciar a aprendizagem, ele se sente estimulado para investir nessa caminhada.

Nesse sentido, ao iniciar a composição do quadro relacional, o professor necessita direcionar o olhar e a escuta para captar de cada aluno em particular, e do grupo como um todo, o ponto de luz em que se encontram naquele momento histórico incitando-os a colorir o cenário como participantes ativos e conscientes<sup>4</sup> de suas funções e responsabilidades. É o professor que “[...] **anima a relação, que lhe imprime caracteres particulares, que suscita as reações do aluno pela simples presença e pela atitude que adota desde o início**” (MARCHAND, 1985, p.37). Isso requer sensibilidade e conhecimento de que cada aluno possui características próprias e é afetado de forma singular a partir dos mesmos estímulos.

Nesse contexto, a comunicação e a expressão são elementos imprescindíveis para que haja aprendizagem. São partes que se completam para que o sujeito possa inserir-se no mundo, visto **que comunicar é estabelecer presença viva no mundo**, afetando-o com nossos pensamentos e ideias e sendo afetado por ele. A Comunicação exige abertura ao outro para que se possa fazer compreender, entender e compreender o outro. Pressupõe o encontro – a troca, a partilha, o acolhimento. Há necessidade de **interação**, isto é, entrelaçar a própria interioridade com a exterioridade do outro, do mundo. Já a Expressão diz do ser do homem, insere-o no exterior de si. Expressa as impressões que ele tem do mundo através do seu modo de ser, do seu semblante, de suas atitudes. A expressão tem uma dimensão subjetiva, prevalecendo a manifestação do eu. Ela desenha o ser do homem. Por isso, há necessidade de equilibrar os momentos de introspecção e extroversão para que possamos tomar consciência de nós mesmos a fim de compreendermos a nossa própria existência. (RANGHETTI, 1999).

Assim, a comunicação é intensamente vivida e construtora de aprendizagens significativas quando se substancia em **relações dialógicas**: relação de

---

<sup>3</sup> Realidade do aluno aqui se entende não só os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais, mas também os aspectos psíquicos, isto é, o tipo e as funções psicológicas do mesmo.

<sup>4</sup> A palavra consciente está sendo utilizada para dizer que o aluno a partir do momento que for despertado para aprender e compreender, decompor a informação e transformá-la em conhecimento, utilizar-se-á deste em suas ações. Essa reflexão foi construída a partir da leitura do livro: Ensinar Aprendendo, de Içami Tiba, 1998.

abertura ao outro, de partilha de ideias, de humildade, de respeito mútuo, possibilitando um renascer através do movimento que o diálogo produz. Estabelecer relações é viver a própria afetividade, é mostrar-se inteiro, é descortinar-se. É temperar com a interpretação pessoal e produzir um conhecimento novo, mais elaborado, tendo um colorido diferente para aquele que interfere e sofre interferência do conhecimento através da parceria que se vive nessa relação.

Viver uma relação pedagógica primando pela afetividade nas inter-relações suscita que o espaço da sala de aula seja um espaço de comunicação. Requer do professor conhecimento de si mesmo para conhecer o outro, abertura, humildade, consideração, espera, pois o aluno é um ser em processo de constituição de si, e, portanto, parceiro do professor na construção e reconstrução do conhecimento. A prática interdisciplinar privilegia esse espaço para a liberdade de construção do sujeito. Um espaço de encontro em que o diálogo, o rigor e a afetividade coexistem.

## REFLEXÕES SOBRE UMA VIVÊNCIA

Para tornar mais transparente o que venho refletindo, relato a experiência como aluna de **Ivani Fazenda**<sup>5</sup>. Essa vivência possibilitou-me habitar a relação professor-aluno, pautada na parceria, e a acreditar que é nessa relação que a afetividade pode manifestar-se com maior intensidade.

O quadro inicial de cada encontro inaugura o desenrolar de todo o processo educativo. Um abraço, um beijo, um aceno de mão, uma piscada faz-nos sentir importantes, necessários e parceiros de uma ação. A **acolhida** que a professora faz ao grupo em geral e a cada aluno em especial torna o ambiente de aprendizagem humano, com vida presente. O calor humano vivido no início do encontro cativa os alunos, envolve e instiga-os a participarem do ato educativo. A acolhida é comunicação, caminho para a interação, convite à participação da roda em torno do conhecimento.

Após a acolhida, apresenta-nos o **tema a ser trabalhado**, o grau de relevância que o mesmo tem para a educação e a necessidade de retomar a teoria, para re-significá-la, travestindo-a de uma nova ordem, um novo rigor que contemple as angústias, as incertezas e as rupturas presentes em nossos dias. Esse primeiro momento apresenta-se como um ponto de luz que projeta sua luminosidade do fundo de uma caverna a qual seguimos para encontrar a saída tão esperada. Feito esse primeiro contato com o conhecimento proposto, somos instigados a colocarmos nossas primeiras **impressões e experiências** sobre o assunto, de forma espontânea, momento em que surgem as mais variadas ideias, visto que cada aluno procura extrair de seu projeto de pesquisa – da especificidade **teórico-prática** que possuem referente ao objeto em

---

<sup>5</sup> Vivência como aluna no curso de Mestrado e Doutorado em Educação: Currículo, na PUC/SP no período de 1997 a 2005.

estudo – elementos que enriqueçam as trocas sobre aquilo a que nos dispomos conhecer. Apresenta-nos, também, bibliografias necessárias à compreensão e ao entendimento do assunto.

Na sequência, um movimento se efetiva: pequenos grupos se formam para o aprofundamento do tema. A **interação** entre os alunos, a **integração** de saberes dá vida ao diálogo. Dúvidas emergem, reflexões são desencadeadas, pressupostos são sinalizados e, no abrir das rodas (grande grupo), entrelaçam-se a outras dúvidas, reflexões e pressupostos, compondo um quadro com cores e linhas que sinalizam as descobertas e construções do grande grupo. A interferência da professora, com seus questionamentos, dúvidas, caminhos, auxilia nessa construção.

O movimento de fechar e abrir os grupos compõe um quadro com diferentes experiências, sentimentos, desejos, conhecimentos e expectativas anunciadas ao som de melodias singulares constroem um cenário reflexivo, único, composto de sombra e luz. Um cenário que desenha um círculo, porém um círculo movimentado pela comunicação, pela troca, pelo diálogo – **um círculo habitado pela intersubjetividade na construção de conhecimentos**. A parceria que se efetiva nos trabalhos de grupo nos quais pesquisa-se, debate-se, interroga-se, duvida-se, comunica-se, encaminha para as mais inusitadas reflexões propulsoras de conhecimentos significativos, possibilitando o apreender.

Nesse quadro em que o **conhecimento é situado** no tempo e no espaço, na teoria e na prática, o aluno apreende o fenômeno em sua complexidade. Situar os alunos como coparticipantes, protagonistas de um caminhar que se faz a muitos pés, por vias diferenciadas, mas que prima pelo brilho individual, apesar de caminhos diferentes, instiga o aluno a estar junto nesse caminhar. Situar o aluno como participante de um processo e o processo em si dá segurança, tranquilidade e a percepção de que alguém mais experiente está junto nesse caminhar e que, se necessário for, estenderá a mão para que não caia em precipícios, para que não se perca nos desvios que esse caminho lhe apresenta, porém que o transcenda a partir de sua totalidade.

Paralelamente às leituras e discussões, experiências práticas são compartilhadas com o grupo, consubstanciadas pelo referencial prático/teórico de outros sujeitos para, juntos (professora e alunos), extrairmos elementos que possibilitem re-significar e ampliar a teoria, chegando, muitas vezes, à construção do novo. Prática e teoria, juntas, compõem o cenário no qual a construção do conhecimento encontra seu fundamento. Desse cenário é possível compreender o sentido e o significado do que se propõe a conhecer e habitar o que dele se constrói, ultrapassando, muitas vezes, o que se desvela, construindo o novo, o diferente. O contato com a teoria e a prática alarga o campo de significação que cada aluno, em particular, e o grupo, como um todo, possuem sobre o assunto, visto que os achados são partilhados pelo grupo, analisados e refletidos para, depois, serem sistematizados, compondo sínteses provisórias que abarcam o aprofundamento e o entendimento teórico-prático do mesmo.

Particularmente, esse ambiente transmite-me tranquilidade, segurança, visto que o **respeito pela maneira de ser** é considerado, pois sinto dificuldades de comunicar-me no grande grupo – sala de aula. O trabalho em grupos menores para discussão do tema, para elaboração de sínteses, ou mesmo esquema dos achados, troca de ideias, para mim, é relevante. Consigo expressar meus pensamentos, muitas vezes, sem necessidade de lapidá-los. O diálogo vivido nos pequenos grupos é rico de ideias: cada um revela-se, mostrando o que sabe e o que intriga, as perguntas são desencadeadas, a discussão encaminha para uma maior compreensão e entendimento sobre o assunto através da partilha, da entreaajuda e do complemento das ideias que se apresentam confusas, do vislumbrar de outras experiências, da maneira como veem, percebem e atuam, significando de forma particular os achados.

Nos pequenos grupos, o silêncio é rompido pelo colorido das vozes. Isso acontece comigo ainda hoje, seja no papel de aluna, ou mesmo num grupo de estudos ou trabalho com outros professores. A liberdade para expressar meus conhecimentos, as dúvidas, interrogações, o medo de errar, de sentir-me inferior perante os colegas, diminui. No pequeno grupo expresso-me sem medo de ser humilhada, ridicularizada perante a classe. As ideias, muitas vezes, são complementadas por outras vozes que, no seu conjunto, passam a formar um pensamento coerente, fundamentado. No pequeno grupo as ideias fluem como se estivessem sendo escritas no rascunho e, ao contrário, no grupo classe, necessitam serem passadas a limpo.

No fim de cada encontro – aula –, textos individuais são produzidos. Os escritos no fim do texto são um recurso que a professora utiliza para estabelecer um diálogo com o aluno sobre a aprendizagem. Em poucas palavras, às vezes, utilizando-se de metáforas, a professora nos diz como estamos, o que devemos aprofundar, que caminhos perseguir na busca da compreensão do fenômeno que nos dispomos a conhecer. Esse tipo de **avaliação, individual**, serve de parâmetro para que o aluno se situe e se perceba responsável, junto com o professor, pela sua aprendizagem. A professora é parceira de seus alunos. Transforma o poder que o papel do professor representa, em participação, em cuidado, em espera, para que cada aluno consiga ultrapassar o conhecimento que possui e seguir o caminho de seu projeto de vida, porém fornece as pistas que cada um necessita à transgressão do referencial inicial, ampliando o olhar, a escuta e a compreensão do mesmo.

## **CONSIDERAÇÕES**

As práticas educativas quando se alicerçam numa relação pedagógica em que a afetividade é presença, o prazer, a alegria, a rigorosidade, a beleza, o encanto são propulsores de aprendizagens. A afetividade é vivida na coletividade, o conhecimento é construído, degustado, apreendido e aplicado em um fazer. Um fazer envolvente, trilhado pelos caminhos da rigorosidade e da afetividade, dividindo responsabilidades na efetivação de um fazer

teórico/prático estabelecendo a sintonia para uma ação conjunta. Uma ação em que professores e alunos, sujeitos do processo, desvelam/revelam, criam/recriam, aprendem/ensinam, afetam e são afetados, enfim, encontram-se consigo mesmos e com o outro para a constituição de si.

Viver o processo educativo num cenário habitado pela afetividade é conceber **a escola como espaço com vida/vidas**. Vidas em processo de constituição, de descobertas. Vidas em comunicação, fazendo-se em meio à história, à ciência, aos sonhos, desejos, emoções e sentimentos. Na educação, a afetividade desvela-se como um atributo de uma prática interdisciplinar que se manifesta através do diálogo intersubjetivo e intencional, vivenciado pelos sujeitos no quadro desenhado pelo movimento das cores que revestem as relações e as interações destes no ato educativo. Afetividade é afetar e ser afetado pelo outro, instigando as energias e ativando nosso eu para a ação. Isso pressupõe humildade, parceria, reciprocidade – princípios da teoria da **Interdisciplinaridade**.

Desenvolver uma cultura em que as pessoas possam conviver, ser solidárias, partilharem dos mesmos espaços respeitando a singularidade, a diversidade de ideias, trabalhar em projetos coletivos, exercitar a **entreaajuda**, parece ser a tônica nessa sociedade que se mostra. Se o aluno passa a assumir a responsabilidade pelo próprio processo de aprender, faz-se necessário que se ampliem os espaços de trocas e de discussões para além da escola e da sala de aula.

Destarte, a **Universidade** necessita desenvolver uma educação que valorize e reforce a existência de vínculos existentes e, de certa forma, ocultos em relação ao conhecimento, pois está se caminhando para a transcendência de uma educação da informação, do conhecimento para a sabedoria, como o bem maior de todo o ser humano. Além do existente entre os diferentes saberes, há necessidade de se estabelecer os vínculos entre os próprios seres humanos, garantindo o singular, individual no coletivo, a diversidade na coletividade. E isso requer **convivência, respeito e solidariedade**.

## REFERÊNCIAS

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. In: **Revista teoria e educação**. nº 2, 1990. Editora Panorâmica, Porto Alegre (RS), p. 177-229.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 2 ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa do Séc. XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MARCHAND, Max. **A afetividade do educador**. Tradução de Maria Lúcia Spedo Hildorf Barbante e Antonieta Barini. São Paulo: Summus, 1985.

RANGHETTI, Diva Spezia. **Os entre(laços) na composição de um *design* curricular de formação**: a interdisciplinaridade como tecido. In: I COLÓQUIO INTERNACIONAL DE POLÍTICAS CURRICULARES. Nov., 2003. Universidade Federal de Paraíba. [s.n], 2003. CD-ROM.

\_\_\_\_\_. **O conceito de afetividade numa educação interdisciplinar**. 1999. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. **Um *design* curricular interdisciplinar para a formação de professores** – a estampa de um *design*. 2005. 231 f. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

PAIVA, Yolanda Moreira S. A afetividade na aprendizagem: uma breve introdução ao tema. IN: ELIAS, Marisa Del Cioppo (Org.). **Pedagogia Freinet: teoria e prática**. Campinas (SP): Papirus, 1996 (Coleção Práxis).

POSTIC, Marcel. **A relação pedagógica**. 2 ed. Coimbra, Portugal: Editora Coimbra Ltda., 1990 (Coleção psicopedagogia).

ROJAS, Jucimara. **Interdisciplinaridade na ação didática**: momento da arte/magia do ser professor. Campo Grande (MS): Editora UFMS, 1998.

TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo**: como superar os desafios do relacionamento professor/aluno em tempos de globalização. São Paulo: Editora Gente, 1998.

WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro**: uma parceria entre professor, alunos e o conhecimento. São Paulo: Paz e Terra, 1993.